

CURRICULARIZAÇÃO DA EXTENSÃO: RELATO DE UM DISCENTE

Hugo Samuel Viana dos Anjos ¹
Alana Simões Bezerra ²

RESUMO

A curricularização da extensão é um processo que visa tornar as práticas de extensão parte obrigatória da carga horária dos currículos dos cursos de graduação no Brasil. Essa diretriz surge da Resolução nº 7, de 18 de dezembro de 2018, do Ministério da Educação (MEC), Conselho Nacional de Educação (CNE) e Câmara de Educação Superior (CES). O presente estudo visa entender o conceito da curricularização da extensão no ensino superior, motivos para promovê-la, assim como refletir acerca de suas práticas e experiências na disciplina de Ginástica Artística ofertada no curso de Educação Física de uma Instituição de Ensino Superior do Sertão da Paraíba. Quanto à metodologia utilizada, trata-se de um relato de experiência, que tem como alvo as práticas vivenciadas na extensão da disciplina de Metodologia da Ginástica Artística e Rítmica, no qual são desenvolvidas Oficinas de Ginástica Artística, que conta com 25 crianças inscritas com idades entre 7 e 12 anos. Os resultados apontam que os discentes da disciplina obtiveram uma absorção melhor das práticas de ensino da ginástica artística por conta das oficinas realizadas, onde os alunos aprendiam na prática como dar aulas de ginástica artística para o público infantil. Ademais, percebeu-se que as crianças desenvolveram diversas habilidades motoras e psicossociais com as aulas ministradas, como equilíbrio, força, confiança, autoestima. Sendo assim, o conhecimento obtido através das práticas de extensão foi, de fato, inovador e muito proveitoso.

Palavras-chave: Extensão, Ginástica Artística, Docência.

INTRODUÇÃO

A curricularização da extensão nos cursos de ensino superior foi regulamentada pela Resolução Nº 07, de 18 de dezembro de 2018 que “Estabelece as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira e regimenta o disposto na Meta 12.7 da Lei nº 13.005/2014, que aprova o Plano Nacional de Educação - PNE 2014-2024 e dá outras providências” (Brasil, 2018).

A extensão universitária é um processo educativo, cultural e científico que une o ensino a pesquisa e mantém relação transformadora entre a universidade e a sociedade. Dessa maneira, a prática da extensão universitária vem, durante anos, ajudando

¹ Graduando do Curso de Educação Física, do Centro Universitário de Patos (UNIFIP) – PB, hugosamuel15h@gmail.com;

² Professor orientador: Mestra em Ciências das Religiões, Universidade Federal da Paraíba - UFPB, alanasimoes2024@gmail.com;

acadêmicos de diversos cursos de ensino superior a se prepararem para a vida profissional, devido a sua relação direta com a sociedade (Brasil, 2012).

Nesse sentido, procura-se mostrar o quanto tais vivências são de extrema importância na vida do acadêmico de ensino superior, visando sua qualificação profissional em qualquer área desejada, enfatizando a formação de futuros professores de ensino fundamental, médio ou qualquer tipo de esporte, pois ao produzir essa interação entre teoria e prática, a extensão promove diversas habilidades pedagógicas, como comunicação e avaliação.

Portando, viu-se a importância da efetivação de curricularizar a extensão em todos os cursos de graduação do Brasil. Ademais, percebeu-se que esta relação entre a comunidade acadêmica e a comunidade local funcionou como uma relação de mutualidade, onde ambos os lados obtiveram seus benefícios adquiridos. Portanto, a comunidade local foi agraciada com uma oficina de Ginástica Artística (GA).

Nesse sentido, a pesquisa inicia-se com um resumo teórico e documentar sobre a curricularização da extensão, no ensino superior brasileiro. Em seguida, busca-se entender como a prática da GA pode ajudar crianças a desenvolver habilidades motoras e psicossociais, analisando estudos relacionados a temática e, também, as aulas ofertadas pela oficina de GA.

Objetiva-se, também, com esse estudo, compreender o conceito e as contribuições da extensão universitária, assim como promovê-la, através de um relato de experiência obtido com a disciplina de Metodologia da Ginástica Artística e Rítmica, presente no currículo do 2º período, do curso de Educação Física, do UNIFIP, no ano de 2023.2. Nesta disciplina, foi ofertada pelos alunos do curso, uma oficina de Ginástica Artística (GA), para crianças da cidade de Patos – PB.

O presente estudo visa entender o conceito da curricularização da extensão no ensino superior, motivos para promovê-la, assim como refletir acerca de suas práticas e experiências na disciplina de Ginástica Artística ofertada no curso de Educação Física de uma Instituição de Ensino Superior do Sertão da Paraíba.

METODOLOGIA

A experiência da curricularização das atividades de extensão no curso de Educação Física do Centro Universitário de Patos - UNIFIP, foi pensada a partir das mudanças da grade curricular. A experiência ocorreu por meio do projeto de extensão

“Oficina de Ginástica Artística”, que pertence a disciplina de Metodologia da Ginástica Artística e Rítmica, no ano de 2023.

A realização da disciplina foi organizada em etapas, conforme a matriz curricular, sendo a primeira, composta por seis aulas práticas para aprendizagem dos elementos da ginástica artística, bem como seus aspectos teóricos. Na segunda etapa, foi realizada confecção do banner informativo, em seguida a inscrição das crianças na Oficina. A terceira fase, se constitui das aulas ministradas pelos discentes às crianças, finalizando o ciclo com a apresentação de uma coreografia de solo das crianças no Festival de Dança e Ginástica da instituição.

Durante a realização da Oficina, os discentes se dividiram em 3 equipes, onde uma fazia o aquecimento, outra o alongamento e a última realizava a parte principal (elementos acrobáticos da GA). Desta maneira, a cada aula ministrada pelos discentes, era apresentado a professora responsável pela disciplina um plano de aula e um diário de campo acerca da observação das aulas ministradas.

As aulas da Oficina de GA eram realizadas no horário de aula, das 19:00 às 20:30, de modo a comprometer a participação de 100% dos estudantes da disciplina. Assim, participaram da oficina crianças entre 6 e 12 anos de idade, de ambos os sexos.

Ao final os discentes foram avaliados pelas aulas ministradas, pelos planos de aula, também o diário de campo, finalizando com a entrega do relatório com todas as atividades e fotos. A avaliação das atividades extensionistas é uma etapa importante e é recomendada pela Política Nacional de Extensão Universitária (2012), pois, conforme plano, é preciso verificar os impactos provocados pelas ações. Conforme Santos *et al.* (2020), trata-se de uma etapa contínua, processada no decorrer das atividades ministradas.

REFERENCIAL TEÓRICO

Curricularização da extensão

O ensino, a pesquisa e a extensão são considerados os três pilares das universidades brasileiras. Dentre esses três pilares, a extensão foi a última a se concretizar no Brasil e no mundo. Suas primeiras manifestações datam da segunda metade do século XIX, na Inglaterra, e vem se desenvolvendo cada vez mais até os dias de hoje (Moita; Andrade, 2009).

Conforme Evando Mirra (2009, p. 77) “a Universidade de Cambridge, em 1871, foi provavelmente a primeira a criar um programa formal de ‘cursos de extensão’ a ser levados por seus docentes a diferentes regiões e segmentos da sociedade”.

Da Inglaterra, a extensão transita para a Bélgica, depois para a Alemanha e em seguida para todo o continente europeu, chegando aos Estados Unidos. Com a chegada da extensão nos Estados Unidos, houve uma modernização da tecnologia agrícola americana, onde surgiu um modelo de interação com a comunidade que implicava a universidade na questão do desenvolvimento (Mirra, 2009).

É importante ressaltar que, as primeiras instituições de ensino superior no Brasil foram criadas no início do século XIX, em 1808, com a transferência da corte portuguesa para a colônia, como exemplos podemos citar a Faculdade de Direito de Olinda, em Pernambuco, e a Faculdade de Direito do Largo do São Francisco, em São Paulo. Porém, a primeira universidade criada no Brasil foi a Universidade do Rio de Janeiro (URJ) em 7 de setembro de 1920. Portanto, a universidade só chega ao Brasil no século XX, enquanto outros países da América Latina, já tinham universidades desde o século XVI (Peres, 2021).

Segundo De Paula (2013), desde o ano de 1911, inicialmente em São Paulo, logo após no Rio de Janeiro, Viçosa e Lavras, em Minas Gerais, que atividades de extensão têm acontecido em instituições de ensino superior no Brasil.

A extensão universitária, no Brasil, está prevista desde a legislação de 1931 que, mediante o Decreto nº 19.851, de 11 de abril de 1931, estabeleceu as bases do sistema universitário brasileiro. Este decreto afirma, em seu Art. 109, §1 e §2:

“Art. 109. A extensão universitária destina-se à difusão de conhecimentos, filosóficos, artísticos, literários e científicos, em benefício do aperfeiçoamento individual e coletivo. § 1º De acordo com os fins acima referidos, a extensão universitária será realizada por meio de cursos intra e extrauniversitários, de conferências de propaganda e ainda de demonstrações práticas que se façam indicadas. § 2º Caberá ao Conselho Universitário, em entendimento com os Conselhos técnico-administrativos dos diversos institutos, efetivar pelos meios convenientes a extensão universitária” (Brasil, 1931).

Contudo, não só no Brasil, o processo para institucionalizar a extensão continua enfrentando diversos problemas, e continua incompleto. Em seu estudo sobre o histórico da extensão, De Paula (2013) afirma que, aqui no Brasil, tudo começou com o Serviço de Extensão Universitária, na Universidade de Recife, dirigido por Paulo Freire, que se inicializou a integração da universidade e da extensão a questões sociais.

A concepção de extensão universitária, no contexto atual, vem se intensificando, devido a proposta de inseri-la como parte integrante dos currículos dos cursos de graduação por meio do processo de curricularização da extensão. Com a ascensão da pedagogia progressista, que se baseia fortemente na liberdade de aprendizagem, no qual o aluno é o centro do processo de ensino-aprendizagem, é que houve uma reformulação conceitual da extensão universitária no Brasil. Nesse sentido, a extensão passa de um formato assistencialista e segregado do ensino e da pesquisa para um formato indissociável entre ensino e pesquisa; da troca de saberes; da relação transformadora entre universidade e sociedade; da interdisciplinaridade; no reconhecimento e respeito do saber popular; na horizontalidade (Souza, 2015).

A implementação da extensão em todos os cursos de graduação de todas as Instituições de Ensino Superior (IES) está na Constituição Federal de 1988, em seu Art. 207, que afirma que “as universidades gozam de autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial, e obedecerão ao princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.” (Brasil, 1988). Desse modo, no PNE, foi prevista a implantação do Programa de Desenvolvimento da Extensão Universitária em todas as Instituições Federais de Ensino Superior com o intuito de assegurar que 10% do total de créditos exigidos para a graduação no ensino superior no país fosse reservado para a atuação dos estudantes em ações extensionistas. Essa proposição foi reafirmada no atual PNE (2014-2024) (Brasil, 2014).

Sendo assim, este princípio foi evocado na construção do Plano Nacional de Educação (PNE, 2001-2010) e reafirmado no atual PNE (2014-2024) que preconiza na sua meta 12, estratégia 7, a obrigatoriedade das Instituições de Ensino Superior (IES) públicas assegurarem “no mínimo, 10% (dez por cento) do total de créditos curriculares exigidos para a graduação em programas e projetos de extensão universitária, orientando sua ação, prioritariamente, para áreas de grande pertinência social;” (Brasil, 2014).

A prática extensionista da Ginástica Artística

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PNCs) reconhecem a importância da Educação Física no Ensino Fundamental, pois ela possibilita aos alunos desenvolverem, por meio dessas aulas, habilidades corporais diversificadas, e, também, de praticarem atividades culturais como jogos, lutas, esportes, ginásticas e danças, com a finalidade de formar o aluno como um cidadão de papel responsável na sociedade (Brasil, 1998).

Ademais, a Educação Física no Ensino Fundamental é um componente curricular obrigatório de extrema importância no desenvolvimento motor, afetivo, e psicossocial do aluno. A criança, com a educação física, ao longo de suas vivências escolares, tende a ampliar suas habilidades motoras, aperfeiçoando seus movimentos corporais.

Nesse sentido, o Curso de Educação Física do Centro Universitário de Patos - UNIFIP, indo ao encontro do que é reconhecido pelos PCNs e conforme a implementação da creditação da extensão nos cursos de graduação de todas as Instituições de Ensino Superior (IES), decide, na disciplina de Metodologia da Ginástica Artística e Rítmica, abrir uma oficina de Ginástica Artística, para que os alunos do curso ministrem aulas para crianças da cidade de Patos, para praticar suas habilidades de planejamento e construção de aulas, verificar metodologias empregadas nas mesmas, assim como treinar um olhar crítico sobre atitudes que possam acontecer em uma futura vida.

Além disso, como já citado anteriormente, esta relação entre acadêmicos do curso e sociedade oferecida por essa oficina extensionista, funciona como uma relação mútua de aprendizado, pois ao mesmo tempo que os alunos adquirem as habilidades já supracitadas, os alunos da escolinha de ginástica aprendem, desenvolvem, e aperfeiçoam suas habilidades motoras, afetivas, cognitivas, etc. Portanto, vemos a extrema importância desse tipo de projeto de extensão. Souza (1997) afirma isso quando diz que:

“[...]Também é viável o oferecimento de projetos de extensão para crianças da comunidade, adolescentes ou grupos específicos de terceira idade, deficientes, entre outros. Estes projetos de extensão, podem ser integrados ao ensino através da orientação de alunos da graduação em Educação Física, para atuarem como monitores” (Souza, 1997, p. 131).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Entende-se que a extensão é de extrema importância para a formação de professores, assim como é indispensável dentre os pilares que sustentam a universidade brasileira, na qual, pesquisa, ensino e extensão estão juntos, indissociavelmente. Antes, a extensão era desenvolvida como prestação de serviços ou assistência a população mais carente. Entretanto, com a criação do Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras (FORPROEX), passa-se a promover relações entre a universidade e a sociedade, fazendo com que as atividades de extensão possam ajudar e transformar essa relação, de maneira em que a universidade coopere com a sociedade e vice-versa.

Nesse sentido, para que os discentes do curso começassem a ensinar elementos da ginástica artística na oficina com as crianças, as seis (6) primeiras aulas da disciplina foram ministradas pela professora responsável pela disciplina, apenas para os acadêmicos do curso. Então, nessas aulas, os alunos de Educação Física aprenderam técnicas de aquecimento, alongamento e elementos básicos da GA (rolamento para frente, rolamento para trás, parada de mão, estrelinha, ponte, vela, dentre outros), bem como a maneira correta de manipular a criança para a realização das atividades. Portanto, percebe-se a relevância, não só de aprender determinados conteúdos, mas de aprender a ensinar aquilo que é aprendido, afinal, esse é o papel do professor.

A turma dos discentes foi dividida em três grupos, e as aulas da oficina eram divididas em três etapas: a 1ª de aquecimento; a 2ª de alongamentos; a 3ª com a parte principal da aula, de elementos acrobáticos da Ginástica Artística. Nesse viés, em cada dia, cada equipe ficava com uma parte da aula. Na primeira aula, as etapas foram decididas por sorteio, nas aulas seguintes, era feito um rodízio, ou seja, se na primeira aula, a equipe 1 ficou com a 1ª etapa da aula (aquecimento), na semana seguinte a equipe 1 ficaria com a 2ª etapa da aula (alongamento), e assim sucessivamente. Isso acontecia justamente para que os discentes tivessem as mais diversas experiências possíveis, não só ensinando elementos acrobáticos da GA, mas aprendendo técnicas de ensino de todas as partes da aula.

As aulas da oficina aconteceram de acordo com o quadro 1 apresentado abaixo:

Quadro 1 – Aulas da oficina de ginástica artística (GA)

Aulas	Elemento ensinado	Atividades realizadas
Aula 1	Rolamento para frente	As crianças aprenderam a fazer rolamento para frente.
Aula 2	Introdução a estrelinha	Aprenderam alguns exercícios de fortalecimento para execução da estrelinha.
Aula 3	Estrelinha	Aprenderam a execução da estrelinha.
Aula 4	Introdução à parada de mãos	Aprenderam alguns exercícios de fortalecimento para execução da parada de mãos.
Aula 5	Parada de mãos	Aprenderam a execução de paradas de mãos e de três apoios.
Aula 6 e 7	Ensaio para o festival	Nas duas últimas aulas, as crianças ensaiaram a coreografia de solo para o Festival de Dança de Ginástica.

Como citado anteriormente, cada etapa da aula era dividida entre as três equipes, e toda semana acontecia um rodízio, para que cada equipe tivesse oportunidade de ministrar uma parte da aula, pelo menos duas vezes. Para melhor entendimento do funcionamento das aulas, observe o Quadro 2:

Quadro 2 – Funcionamento das aulas

Aulas	Etapas – Equipe	Elementos
Aula 1	Aquecimento – Equipe 1 Alongamento – Equipe 2 Parte principal – Equipe 3	Rolamento para frente
Aula 2	Aquecimento – Equipe 3 Alongamento – Equipe 1 Parte principal – Equipe 2	Introdução a estrelinha
Aula 3	Aquecimento – Equipe 2 Alongamento – Equipe 3 Parte principal – Equipe 1	Estrelinha

Como observado, durante cada dia de oficina, uma equipe era responsável por realizar determinada parte da aula. Portanto, ao decorrer da semana, a equipe ficava responsável por criar um plano de aula das atividades que seriam realizadas na oficina. Com o envio antecipado do plano de aula, a professora ficava ciente do que seria aplicado na aula com as crianças e sempre dava *feedbacks* do que poderia ser melhorado, caso houvesse algo.

Nesse sentido, por meio da construção dos planos de aula, os discentes apreendiam diversos conhecimentos, como a própria elaboração do plano de aula; a fazer pesquisas por conta própria para saber o que inserir nas aulas, desenvolvendo a autonomia; e com os *feedbacks* da professora, era possível enxergar os erros, e aprender como melhorá-los.

Com o plano de aula de todas as equipes, e chegado o dia da oficina, os discentes do curso passavam para as crianças tudo aquilo que estava nos planos. É importante ressaltar que enquanto uma equipe estava ministrando sua parte da aula, a professora disponibilizava para as outras duas equipes (que não estavam ministrando) relatórios, onde as equipes, deveriam anotar tudo que a equipe ministrante no momento, estava fazendo na aula, assim como, ressaltar pontos positivos que poderiam ser reproduzidos, e pontos negativos que deveriam ser evitados nas próximas aulas, trabalhando bastante o olhar crítico das aulas elaboradas.

No decorrer das aulas, percebeu-se o quanto as crianças foram melhorando seus movimentos acrobáticos, e não só isso, como algumas habilidades afetivas e emocionais foram trabalhadas. Leguet (1987), afirma que a ginástica artística desenvolve as capacidades físicas e psicológicas, bem como o fortalecimento dos membros superiores e inferiores, há uma identificação dos segmentos corporais, exploração do peso e da força, também se desenvolve ações motoras, o controle do equilíbrio, a cooperação e coordenação.

Nesse sentido, como as aulas da “Oficina de Ginástica Artística” tinham apenas 1h30min de duração, era impossível que as crianças aprendessem alguns movimentos com perfeição. Por esse motivo, a cada aula que era ministrada, os elementos acrobáticos eram revisados e outros movimentos eram agregados. Então, por exemplo, se na 1ª aula era ensinado o rolamento para frente, na 2ª aula, era lembrado o rolamento para frente e ensinado os elementos introdutórios de um novo movimento acrobático.

No decorrer da oficina, percebeu-se o quanto as crianças se interessaram pela GA, e o quanto melhoraram a execução de alguns movimentos, como rolamento para frente, estrelinha e parada de mãos. Nesse viés, Gallahue e Ozmun (2005) dizem que é na fase dos movimentos fundamentais, por volta dos 6-7 anos de idade que as crianças possuem um potencial de desenvolvimento motor para atingir o estágio Maduro da maior parte das habilidades motoras fundamentais. Os autores citam que nessa idade, as crianças devem executar o rolamento para frente de forma refinada, e até mesmo a parada de três apoios, conseguindo sustentar o peso do próprio corpo.

Ainda segundo os autores supracitados, as habilidades motoras fundamentais são refinadas e utilizadas na fase especializada em alguns desportos como vôlei, futebol, atletismo, basquete, ginástica, etc. O quadro relacionado à Ginástica mostra a importância de trabalhar essa modalidade, principalmente em escolas, visto que muitos movimentos apontados pelos autores não são movimentos naturais realizados no dia a dia, ou seja, são movimentos que precisam de estímulos para serem executados, por exemplo, a parada de mãos ou de três apoios. Com isso, percebe-se a relevância da Oficina de Ginástica Artística, que ajudou a estimular certos movimentos que não são executados pelas crianças com frequência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo foi motivado pelo interesse em saber mais sobre a história da curricularização da extensão, e relatar a experiência vivenciada na disciplina de Metodologia da Ginástica Artística e Rítmica, mais especificamente, durante o período de extensão da Oficina de Ginástica Artística. Assim como foi relatado acima, percebeu-se a importância dessa prática, tanto para o conhecimento prático de acadêmicos do curso de Educação Física, quanto para a sociedade, a qual é ofertada serviços necessários, escassos ou até mesmo inexistentes. No caso desta pesquisa, foi ofertada, as crianças da

cidade de Patos – PB, a Oficina de Ginástica Artística, modalidade que não existe oferta na cidade em questão e em cidades vizinhas.

Nesse contexto, percebe-se a importância desta oficina, pois através dela, foi oferecido algo novo para as crianças, e também, verificou-se que, durante as aulas da oficina as crianças adquiriram diversas habilidades motoras, como equilíbrio, força, controle corporal, flexibilidade, por meio das aulas.

Além de habilidades motoras, as crianças desenvolveram disciplina e foco, visto que os elementos da GA são feitos por etapas, então, elas precisam prestar atenção nos detalhes; habilidades de autoconfiança e autoestima, ao decorrer das aulas, elas vão superando desafios, por exemplo, crianças que na primeira aula só conseguiam fazer o rolamento para frente com impulso do professor, aprenderam a fazer sozinhas.

Como já citado durante esse estudo, a prática extensiva funciona como uma relação de troca de saberes e aprendizados. Nesse viés, ao mesmo tempo que as crianças adquiriam todas essas habilidades supracitadas, os discentes do curso de Educação Física também, desenvolveram diversos conhecimentos para aplicar na vida profissional.

Portanto, através da curricularização da extensão, reconhece-se essa troca de aprendizados entre sociedade e comunidade acadêmica. Ademais, é de grande valia enfatizar a relevância dessas práticas de ensino, para aqueles alunos que seguirão a área do ensino de esportes.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Decreto nº 19.851, de 11 de abril de 1931. **Vida Social Universitária**. Presidência da República, Casa Civil, 1931. Disponível em: <https://legislacao.presidencia.gov.br/atos?tipo=DEC&numero=19851&ano=1931&ato=a170TWU1kerpWTd12#:~:text=DISP%C3%95E%20QUE%20O%20ENSINO%20SUPERIOR,ISOLADOS%20PELOS%20RESPECTIVOS%20REGULAMENTOS%2C%20OBSERVADOS>. Acesso em: 10 set. 2024.

BRASIL. Lei nº 13.005, de 24 de junho de 2014. **Aprova o Plano Nacional de Educação – PNE e dá outras providências**. Brasília - DF, 2014. Disponível em: <https://pne.mec.gov.br/17-cooperacao-federativa/31-base-legal#:~:text=LEI%20N%C2%BA%2013.005%2C%20DE%2025%20DE%20JUNHO%20DE%202014%20%2D%20Aprova,das%20estrat%C3%A9gias%20objeto%20deste%20Plano>. Acesso em: 10 set. 2024.

POLÍTICA NACIONAL DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA. **Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras**. 2012. Disponível em: <https://proex.ufsc.br/files/2016/04/Pol%C3%ADtica-Nacional-de-Extens%C3%A3o-Universit%C3%A1ria-e-book.pdf>. Acesso em: 05 set. 2024.

BRASIL. Resolução nº. 7, de 18 de dezembro de 2018. **Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira**. Brasília, DF, 2018. Disponível em: https://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/55877808. Acesso em: 10 set. 2024.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Educação Física / Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília: MEC / SEF, 1998.

DE PAULA, João Antônio. A extensão universitária: história, conceito e propostas. **Interfaces-Revista de Extensão da UFMG**, v. 1, n. 1, p. 5-23, 2013.

GALLAHUE, David L.; OZMUN, John C. **Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos**. 3.ed. São Paulo: Phorte, 2005.

LEGUET, Jacques. As ações motoras em ginástica esportiva. **São Paulo: Manoli**, 1987.

MIRRA, Evando. A Ciência que sonha e o verso que investiga. **São Paulo: Editora Papagaio**, 2009.

MOITA, Filomena Maria Gonçalves da Silva Cordeiro; ANDRADE, Fernando César Bezerra. Ensino-pesquisa-extensão: um exercício de indissociabilidade na pós-graduação. **Revista Brasileira de Educação**, v. 14, n. 41, maio/ago. 2009.

PERES, Gleison Peralta. Formação das primeiras Instituições de Ensino Superior no Brasil. **Revista Amor Mundi**, Santo Ângelo, v. 2, n. 1, p. 65-70, jan. 2021.

SANTOS, Alex Mota; FRANCO, Thalyta Ferreira; FARIAS, Thiago de Sousa Santana.; SOUZA, Deise Luiza Lúcio. “Aprender fazendo” cartografias: relato de experiência através da extensão universitária. **Revista Conexão UEPG**, v. 16, p. 1-13, 2020.

SOUZA, Elizabeth Paoliello Machado. **Ginástica geral: uma área do conhecimento da educação física**. 1997. 163f. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, Campinas – SP, 1997.